

IN MEMORIAM

LUIZ ROBERTO DE SOUZA - LUIZ PAZZINI

(1953-2020)



Fotografia de Paulo Socha



Fotografia de Marco Aurélio

AO MESTRE, COM LOUVOR!**Arão Paranaguá de Santana**

ansant@yahoo.com

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Não existe esperança sem desejo de construção do futuro, nem de reconsideração do passado; ainda assim, é no presente que se pode agradecer e reverenciar a quem muito se deve. Nessa perspectiva, torna-se imprescindível que as pessoas de bem empreendam ações, junto às instâncias públicas, que visem à cristalização de relações simbólicas entre os indivíduos e a coletividade.

Somente assim, talvez, se possa viver um cotidiano com dignidade e altivez, com o fito, portanto, de dar prosseguimento às lutas empreendidas em favor da liberdade, num tempo que se foi.

E, justo num momento de arrivismo cultural, em que o papel da arte pública é repensado, e que o valor simbólico dos monumentos passa a exigir um novo olhar, por parte da coletividade, torna-se necessário moldar um sentido ampliado para a existência, o qual transporte as pessoas e instituições para muito além do brilho fugaz do instante.

Tem se tornado evidente, nessa época de pandemia, que tal atitude toma sentido e vem sendo capilarizada através de reivindicações e súplicas advindas de múltiplos espaços e territórios.

A respeito disso, o articulista Fernando Gabeira utilizou recentemente, quando o país ultrapassou a marca dos 100 mil mortos por Covid-19, uma metáfora bem grata à memória dos cidadãos de bem: a passeata dos 100 mil, marchada em 1968 como forma de repúdio à famigerada ditadura militar. Escreveu ele, num jornal de circulação nacional:

“O ideal seria sairmos às ruas, os sobreviventes, para protestar por eles [*os mortos*]. A natureza da pandemia nos obrigou a uma quarentena. Escrevi no diário algumas vezes como isso não apenas entorpeceu nossos músculos, mas mudou a maneira como nos vemos. O país se transformou num imenso centro espírita, e nos baixamos nos computadores para sessões de conversa que chamamos de lives, mas poderiam também ser chamadas de *deads*”.

Muitos acreditam que as homenagens aos que tombaram no caminho devastador da Covid-19, haverá de acontecer, também, no âmbito da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, sejam elas singelas ou solenes, desde que expressem o sentimento de perda, de pasmo e de tristeza sentido pela comunidade acadêmica.

Tome-se o exemplo do professor Luiz Roberto de Souza, do Centro de Ciências Humanas, falecido no final de abril de 2020, fato drástico que inspirou diversos atos de solidariedade, por parte de quem reconhecia a sua luta no Maranhão pela arte e educação.

Logo nos primeiros momentos, foi aventada a possibilidade de criação de um memorial que salvaguardasse a memória do seu trabalho artístico e pedagógico, ou seja, seus escritos acadêmicos, esboços, figurinos, cenários, imagens, livros etc.

Em seguida, aventou-se a possibilidade de dar a ele um lugar de destaque no panteão das honrarias institucionais, ocasião na qual o reitor Natalino Salgado externou sua determinação em intitular o novo Centro de Artes da UFMA como “Mestre Luiz Pazzini”.

O desejo do reitor ultrapassa os muros da universidade, e chega mesmo a aludir a uma possibilidade histórica, tomando como alicerce a importância da contribuição desse inesquecível artista e professor em prol da cultura no Maranhão.

E mais: demonstra a gratidão coletiva pelo conjunto de sua obra, bem como o ímpeto em prol da continuidade daquilo que ele mais se empenhou, qual seja, o aprimoramento intelectual e estético de estudantes e comunidade.

Vale lembrar que Luiz Roberto de Souza chegou a São Luís, em 1992, para assumir a vaga de professor do magistério superior no extinto Departamento de Artes da UFMA, exercício no qual ele demonstrou ser um profissional dinâmico, perseverante e agregador.

As intervenções culturais, palestras, saraus, performances e peças teatrais que produziu - dos primeiros instantes ao final de sua carreira - passaram a ser vistos nos campi da UFMA e fora deles, para depois alçarem voo rumo a outras regiões brasileiras.

Faz-se mister ressaltar que, para além da sala de aula, o Luiz Pazzini (nome artístico escolhido pelo próprio) atuou como oficinairo, preparador de elenco, diretor de peças, ator, agitador cultural e colaborador voluntário de escolas e centros culturais.

Mesmo após a aposentadoria, em 2015, deu prosseguimento à vertente da criação, ou *ativismo*, conforme ele mesmo preferia mencionar, seja explorando possibilidades e espaços, seja

arregimentando parceiros para atos colaborativos de transgressão à ordem, que considerava ordeira, passiva, surda, cega e muda.

Quem não o conheceu de perto pode imaginar o quanto ele deve ter sido uma pessoa inquieta, desde a infância, dessas que cultivam sonhos sem medir esforços na sua realização. Talvez, mesmo antes de chegar ao Maranhão, já estivesse entregue ao fazer artístico, ao estudo e à crítica da arte; de corpo e alma. Acertou quem pensou assim: sua história demonstrou que foi dessa maneira que ele levou a vida.

Durante os vinte e oito anos na terra de Sousândrade, Floriano Teixeira e Aldo Leite, o Mestre Luiz Pazzini viveu um período frutuoso, no qual criou várias obras e realizou muitos outros feitos.

Até mesmo nos dias precedentes a sua morte, em plena quarentena, seguiu produzindo arte, criando e fazendo quatorze audiovisuais, sozinho, em sua casa, atinentes ao projeto autodenominado de “Leitura Dramática de Fragmentos em Quarentena”.

Fez isso porque era um guerreiro e considerava insuportável a permissividade doméstica imposta pelo confinamento às pessoas - como a si -, que não podiam sequer fazer a revolução em mesas de bares, quiçá performar a vida em pleno momento de inexorável transformação.

Então ele quis tornar público o seu sentimento de horror à política nefasta do governo federal, como também à inércia da coletividade, em relação a tudo aquilo que estava a passar, ou melhor, que parecia ter vindo para ficar, quando decidiu, por fim, baldear a água escorrida no buraco do cotidiano apático; o pulsar da vida em aproximação virtual e isolamento mental; o correr dos acontecimentos insanos ao derredor, transmitidos pela televisão e aplicativos de comunicação.

Primeiramente, ensaiou, em jogada de mestre, o envio de mensagens privadas aos amigos - de áudio ou vídeo -, contendo poemas, ensaios cênicos ou reflexões sobre a vida, possivelmente para cutucar e porventura receber respostas. Todavia, em verdade, estava ele a brincar com os símbolos e possibilidades inspiradas na força das festas populares da ilha de Upaon-Açu, lugar onde se põe na roda o que se quer mexer no círculo social - ou seria preferível escrever circo?

A seguir, dedicou sua derradeira energia à produção de quatorze vídeos de leituras dramáticas de fragmentos literários e/ou dramatúrgicos, os quais passou a enviar para os contatos que tinha no celular, já que não gostava de postar nas redes sociais abertas - se as tinha, não fora ele a cria-las.

Fez isso porque era um forte e porque não podia conter o ímpeto que o levava a criar e a expor uma criatividade intensa, resiliente, transbordante. E, na superação dos limites tecnológicos afeitos à sua geração, improvisou cenários, adaptou figurinos, selecionou objetos de cena e gravou os seguintes audiovisuais, com a câmera do celular:

- *Júlio César*, de Shakespeare (29 de março);
- *Príncipe da Dinamarca*, de Shakespeare (02 de abril);
- *A peste*, de Albert Camus (03 de abril);
- *O grande ditador*, de Charles Chaplin (05 de abril);
- *Tespis*, de Luiz Pazzini (07 de abril);
- *Longa jornada noite adentro*, de Eugene O'Neill (08 de abril);
- *Pigmaleão*, de Jean Jacques Rousseau (09 de abril);
- *Amizade*, de Pier Paolo Pasolini (11 de abril);
- *Paris, 31 de dezembro de 1933*, de Antoine Artaud (13 de abril);
- *A paixão de Oscar Wilde*, de Murilo Dias César (14 de abril);
- *O homem como invenção de si mesmo*, de Ferreira Gullar (15 de abril);
- *Banquete tupinambá*, de Francisco Carlos (16 de abril);
- *Negro Cosme em movimento*, de Luiz Pazzini (21 de abril);
- *Édipo rei*, de Sófocles (25 de abril).

A última gravação foi produzida no quarto dia antecedido à sua morte, quando, caracterizado de Sacerdote, de *Édipo rei*, ele mencionou espécie de concisão profética sobre o contexto da atualidade:

“Tu bem vês que Tebas se debate numa crise de calamidades, e que nem sequer pode erguer a cabeça do abismo de sangue em que submergiu. Ela perece dos germes fecundos da terra, nos rebanhos que definham nos pastos, nos insucessos das mulheres cujos filhos não sobrevivem ao parto. Brandindo o seu archote, o deus maléfico da peste devasta a cidade e dizima a praça de Cadmo, e o sombrio Admo se enche com os nossos gemidos e gritos de dor (...) De que vale uma cidade? De que vale um navio, se no seu interior não existe uma só criatura humana?”

Devido a esses e outros tantos legados, e ainda, em respeito à qualidade de sua imensa contribuição artística, educativa e cultural realizada na cidade de São Luís, o Mestre Luiz Pazzini foi agraciado com algum reconhecimento público, ainda em vida.

Isso é muito significativo, mas é pouco!

Considerando seu trabalho incansável enquanto agitador cultural, ator, autor e encenador, como pelo generoso arte/educador, que foi e continuará sendo, na via da memória coletiva, ele merece mais.

Esse legado, portanto, o credencia à honrosa condição de ter o nome cravado no prédio que abrigará a instância acadêmica pela qual tanto se empenhou, junto a outros companheiros do Departamento de Artes, desde quando integrava o quadro ativo de professores, qual seja, o novo Centro de Artes da UFMA, ainda em construção.

Isso é mais que merecido!

Entretanto, como há outros nomes a considerar, dentre os professores já falecidos e que militaram no campo da arte, com maior ou menor credibilidade. Sob o amparo da Lei 6.454/1977, que determina o princípio da impessoalidade na atribuição de títulos dos logradouros públicos, cabe aqui honrar a memória de todos, sem que, entretanto, para que na decisão final sejam utilizadas a métrica medíocre que geralmente trata os homens sem o devido mérito que as cátedras merecem. Afinal, de quantos políticos, juízes, comerciantes ricos etc. se fazem as academias de literatos imortais?

No caso da área de artes na UFMA, a lista de professores que já se foram talvez seja maior do que a arrolada a seguir: do antigo Instituto de Letras e Artes / ILA, os professores Isaac Juvêncio de Figueiredo, Carlos Alberto de Sá Barros, João Pinto Lima, Maria Lídice Moreira Lima e Márcio Antônio Cadilhe Brandão; do extinto Departamento de Artes / DEART, os professores: Jaime Furtado, Wagner Farias da Silva, Maria do Socorro Amaral, Durval Cruz Prazeres, William Gonçalves dos Reis, Aldo Leite e Mércia Maria Antunes Pacheco.

A partir dessa lista, é de se esperar que os egrégios conselheiros da UFMA, em suas variadas instâncias, considerem com carinho e severidade cada indicação a ser feita num futuro breve. Todavia, em tempos de intolerância e medo, torna-se necessário relembrar os estilhaços do passado para que se possa dizer algo fora do limite, ou padrão.

Assim, em nome de tantas pessoas, professores, técnicos, estudantes, amigos e admiradores, e em especial, do grupo Cena Aberta, criado pelo Mestre Luiz Pazzini, faz-se necessário reivindicar que louvações institucionais sejam consagradas ao Mestre Luiz Pazzini, como forma de reconhecimento de seu empenho em prol da construção de um futuro com mais cidadania, mais arte e mais educação.

Somente assim o seu nome poderá perpassar as brumas do tempo para inspirar os jovens e transmitir à coletividade porções generosas de esperança e dignificação da história pelos amorosos guerreiros da arte, educação e cultura.

"*Por um teatro na UFMA*" foi o bordão criado por ele que segue ainda hoje sendo cantado por aguerridas pessoas que imaginam que há de ser vitoriosa a luta pela liberdade de expressão e criação artística.

Pela inauguração urgente do "Centro de Artes Mestre Luiz Pazzini", passa a ser, a partir de agora, o grito de um sonho que não é sonhado em vão.ⁱ

ⁱ O presente texto foi escrito pelo autor em nome da amizade pessoal e profissional que manteve com Luiz Pazzini, tendo sido postado no Facebook do grupo Cena Aberta, e, em seguida, viralizado nas redes sociais, através de pessoas ligadas a arte e educação. Possivelmente, motivou a láurea de "Professor Emérito - *post mortem*" que foi dada pelo Conselho Superior da UFMA a Luiz Roberto de Souza, ou Luiz Pazzini, em outubro de 2020, durante as solenidades de comemoração dos 50 anos de criação daquela Universidade.